

A EPOCA.

JORNAL

DE INDUSTRIA, SCIENCIAS, LITTERATURA, E BELLAS-ARTES.

LITTERATURA E BELLAS-ARTES.

AFFRONTA POR AFFRONTA

DRAMA EM 4 ACTOS.

(Conclusão.)

ACTO IV.

Uma prisão no palacio d' Artamar: a scena é apenas allumiada pelas chammas d'uma fogueira que arde no lar.

SCENA I.

AFFONSO só.

Está quasi completa a minha vingança — e estarei eu satisfeito? Oh! meu Deus! meu Deus! E' tudo assim no mundo.... Daria a vida, daria a salvação talvez para me vingar..... E agora o coração parece que estala de dôr.... sinto abatidas as forças.... Devero as fezes dessa paixão ardente, que era o meu unico pensamento na vida, o meu derradeiro sonho de felicidade!..... (*meditando e depois d'espaco*).

E que direito tive eu para escarnecer d'um sentimento verdadeiro, para lhe arrancar — talvez para sempre! — o repouso e a ventura?.... (*hesitando*) Que me tinham feito as câs daquelle velho, para que eu as deshonrasse, para que eu as envergonhasse á face do mundo?.... (*mudando de tom*).

Arrependes-te, homem? já te esquecem aquelles dois tumulos, cujos cadaveres estremecem, em quanto os não vingares!.... Minha mãe soffreu, e merecia-o? Minha irmã padeceu longos dias..... e era ella culpada?.... (*animando-se*). Não! não! a vida é assim!.... A redempção é sempre feita com sangue..... é sempre baptisada com lagrimas..... o sangue, e as lagrimas não me poderão lavar da memoria a tremenda affronta, não me cicatrizarão no coração a ferida que sangra ha tantos annos?....

E' já tarde! é já tarde! Amei — amo agora! (*com*

amargura) Louco — mil vezes louco, que me julguei de marmore — immutavel como o destino, inflexivel como o anjo exterminador!..... Não tinha eu um coração tambem?..... Oh! vingança! vingança que me foges.... já não tenho alma para a vingança.... não tenho!.....

(*Mudando de tom*). Isabel! Isabel, quanto não terás tu soffrido?..... E sou eu — eu que daria a vida por ti — que te faço soffrer!.... (*como ferido de um pensamento*) E quem me diz que não era a vaidade que a eegava.... Amava um proscripto, mas era um proscripto fidalgo, agora — quem sabe, se agora me ama? Quem sabe!

SCENA II.

AFFONSO, ISABEL. (*Entrando com uma lanterna nas mãos, que pousa sobre o banco da prisão: está pallida e agitada*).

AFFONSO.

Isabel, Isabel! não te esqueces-te de mim!..... (*com angustia*). E blasphemava ainda ha pouco?

ISABEL.

(*Com a voz cortada de soluços*). Sabes tu quanto eu tenho soffrido?.... Pouco me valia a colera de meu pae — pouco me valiam os desprezos do mundo — mas duvidar do teu amor..... (*com intenção profunda*). Mas saber o teu segredo!.....

AFFONSO.

(*Com abatimento*). Perdoa — perdoa ao infeliz, que cuidava que affrontar a ira d'um homem, era mais ainda do que merecer o amor d'uma mulher! Genio do mal, eu quiz sacrificar um anjo (*com amor*) e o anjo abriu-me o céu n'um sorriso — fez esmorecer as minhas damnadas tenções!

ISABEL.

(*Com esperança*). Será verdade o que dizes?..... E o teu segredo — o teu segredo?.....

AFFONSO.

(*Com arrebatamento*). Não mo lembres! não mo lembres!.... quero-o esquecer para sempre!

ISABEL.

Esquece-o, Affonso, esquece-o, que to mereço! Eu tenho derramado muitas lagrimas — duvidei do teu

amor.... (*com resignação*). Nunca Deus te faça sentir um supplicio como este!

AFFONSO.

E agora crês nelle — não é assim, Isabel?

ISABEL.

Se creio?.... E julgas por ventura que essa duvida infernal não era para mim o desespero — a morte?

AFFONSO.

E para mim?.... Oh! Isabel, tu não sabes as vezes que tenho amaldiçoado a fatalidade que te lançou no meu caminho?.... A vingança não calcula, não se lembra, não se arrepende, não se maldiz.... senão quando em vez de flores vê brotar espinhos!.... Ao principio, parece um gozo ineffavel dos céus.... depois, taça envenenada, cada trago é um remorso, cada remorso uma agonia!....

ISABEL.

Não me falles em vingança!.... (*com dor*) Que a duvida ainda pôde ressuscitar, para me dilacerar de continuo!....

AFFONSO.

Oh! pobre alma innocente, e candida, tu não viste a mãe que te deu o ser, que te estreitou aos seus seios palpitantes, que te embalou nos seus braços, que te baptizou com as suas lagrimas, expirando de vergonha, e de fundo padecer n'um pobre leito!.... não viste tua irmã — a irmã com quem tinhas passado a infancia — enfezar-se como uma flor partida na hastea.... e não sentiste de momento a momento, crescer a sua pallidez, augmentar o calor da sua febre, tornar-se mais custosa e anciada a sua respiração.... até dar a alma n'um suspiro d'angustia — desses suspiros que parecem o ecco destacado d'um hymno infernal!.... (*affogando-se-lhe a voz em soluços*). Oh! Isabel! esquecendo isto, não sabes que é amar-te mais do que a vida — que é dar-te o pensamento que a animou durante dois annos, que é entregar-me a ti — todo! — em corpo e alma?....

ISABEL.

Sei! bem sei! E que importa? Ellas já morreram — não soffrem! — e tu, e eu?

AFFONSO.

(*Com abatimento*). E' verdade! tu, nós temos ainda de soffrer muito!.... Viver é padecer!....

ISABEL.

(*Com meiguice*). E não é tambem amar?....

AFFONSO.

(*Com serenidade*). Amar — e quanto tempo tenho eu para amar?

A vida, para o pobre, para o plebeu é uma lucta continua — lucta implacavel, em que morre até a esperanza!....

(*Como quem se recorda*). Não sabes, Isabel, eu, um soldado, um defensor da terra em que nasci, réptei um fidalgo, e elle esgarneceu-me!.... Chamai-me covarde perante o mundo, e foi esse mesmo

mundo, que me cubriu, a mim, de baldões, e de desprezos!....

(*Com amargura*). O braço do plebeu podia erguer a espada, quando era a hora de combater os inimigos da sua terra!.... e não podia erguel-a, para a cruzar com a do fidalgo, quando chegava tambem a hora de vingar a sua honra!.... Oh! vergonha! vergonha eterna!

ISABEL.

E que nos vale o mundo?.... Que te importa que te desprezem, se eu te amo, que te odeem — se eu te adoro — que te queiram matar — se eu te salvo?....

AFFONSO.

Salvas-me? Pódes tu salvar-me?....

ISABEL.

(*Com alegria*). Comprei os guardas, podemos fugir.... o tempo voa....

AFFONSO.

Partamos! partamos! Já me abafa este carcere! Durma nelle a minha vingança — é o legado unico que lhe deixa o desgraçado!

(*Preparando-se a partir, quando chegam á porta, apparece D. Fernando, pallido, agitado*).

AFFONSO e ISABEL.

(*N'um mesmo grito*). Ah!

SCENA III.

OS MESMOS e D. FERNANDO.

D. FERNANDO.

(*Adiantando-se a passos vagarosos, com ironia*). Não me esperavam, não é assim?

A's vezes, o céu está limpido.... e é no canto do horisonte que se acalenta o furor da tempestade!

AFFONSO.

Não vos esperava — não! (*com ironia*) Quem advinharia que o nobre, que o poderoso visitaria o pobre, o humilde nas trevas d'uma prizão? (*sombrio e á parte*). O destino foi mais poderoso do que o meu desejo! Hei-de vingar-me!

D. FERNANDO.

(*Com raiva*). Não sabeis então para que eu desci até aqui, de degráu em degráu — de aviltamento em aviltamento?....

AFFONSO.

(*Immovel e terrivel*). Não!

D. FERNANDO.

E tendes sangue nas veias, e elle não vos diz que a minha honra precisa delle para se vingar?....

AFFONSO.

Agora — tendes boa memoria! Eram quasi essas palavras que eu vos repetia ha dois annos!

D. FERNANDO.

Bem! ainda bem! que vos não esquecesteis del-

las! Ah! estão duas espadas (*arremessando duas espadas*).

AFFONSO.

Para que são essas armas?

D. FERNANDO.

Para combatermos até que os nossos braços as não possam suster — até que uma dellas corte para sempre a vida a um de nós!

AFFONSO.

(*Com ironia*). Oh! não! nunca! A luva d'um peão, dissestes vós, só pôde ser apanhada por outro peão: agora digo eu: a luva d'um fidalgo só pôde ser apanhada por outro fidalgo.

D. FERNANDO.

Escarneceis de mim — villão — escarneceis de mim?

AFFONSO.

(*Com ironica solemnidade*). Não! cavalleiro! — lembro-me apenas do que o peão deve ao fidalgo!

D. FERNANDO.

Esqueço a distancia que nos separa — esqueço que sois um villão — esqueço que não era o meu braço que devia punir-vos — esqueço tudo! Haveis de combater comigo!

AFFONSO.

(*Terrivel*). Não esqueço eu, que o não quero esquecer — não quero!

Porque o não olvidaste quando era eu o offendido? Não quizes-te ser então generoso, e quereis que o misero plebeu o seja agora? Estais condemnado pelas vossas palavras: um duello entre nós era uma blasphemia contra Deus!

D. FERNANDO.

(*Furioso*). Pois morrereis ás minhas mãos! morrereis ás minhas mãos! A espada não se fez para trespassar homens como vós — foi o punhal! (*correndo para elle com a adaga em punho*).

ISABEL.

(*Mettendo-se de permeio, dando um grito*). Não o has-de matar — irmão! — que é o meu esposo perante Deus!

AFFONSO.

(*Com desdenhosa intonação*). Deixa-o, Isabel, deixa-o envilecer de todo! O villão quiz vingar-se, mas não foi assassinando!

D. FERNANDO.

(*Parando como fulminado*). E é esta minha irmã! . . . e não morrer eu ao ouvir estas palavras!

Barregan! barregan! devieis ter nascido entre os mais vis dos populares!

ISABEL.

(*Com dignidade*). Tens razão! tens razão! Mulher, era livre, podia dar o coração a quem amasse: homem, não viria insultar um prezo indefezto, e querer servir-lhe de carrasco!

D. FERNANDO.

(*Furioso*). Pois serei carrasco — já que assim o querem — serei carrasco! Não-de ambos morrer ás minhas mãos! (*dirigindo-se para Isabel que defende Affonso com o corpo*). Arranque-se a pagina manchada do livro da nossa geração!

SCENA IV.

O CONDE (*apparecendo no limiar da porta do fundo*).

(*Solemne*). Não! conserve-se — que assim o quiz Deus!

D. FERNANDO.

(*Receoso*). Meu pae!

O CONDE.

Teu pae! teu pae que te perdoa porque foste criminoso! Eu soffri em minha filha o crime de seu irmão!

D. FERNANDO.

(*Abatido*). E' verdade! é verdade!

O CONDE.

Custou-me muito este golpe! — custou! Mas Deus deu-me forças para o vencer! (*com nobre orgulho*) Um nome como o d'Artamar pôde dar nobreza a quem a não possui! — Minha filha é tua! (*para Affonso*) Aqui está um decreto que te concede os foros de cavalleiro como paga dos serviços feitos na India

AFFONSO.

Não! não o posso aceitar! Meu pae cobriu-se de gloria na Africa e na Asia, e morreu peão! Esse decreto não é para o pobre soldado Affonso Gil, que soube pelejar com algum esforço — é para o esposo de D. Isabel d'Artamar! (*com orgulho*). O nome d'um plebeu tambem se não vende morre-se com elle!

O CONDE.

E' orgulho de mais, mancebo! Eu sube vencer o meu — imita-me, sabe tambem vencer o teu! (*solemne*) Minha filha só será esposa do cavalleiro Affonso Gil!

AFFONSO.

(*Allucinado*). Oh! nunca! nunca! que minha mãe e minha irmã se levantariam das campas a amaldiçoar-me!

ISABEL.

(*Com inspiração*). Aceita (*apontando para o céu*). As mulheres só sabem amar . . . e perdoar!

AFFONSO.

(*Resoluto*). Aceito. A vingança do villão só podia ser esquecida pelo amor d'uma mulher.

Lopes de Mendonça.

POESIA.

A MINHA ESTRELLA.

A. M. L.

Et posuit stellas, in
firmamento caeli, ut
lucerent super terram.
GENESIS.

I.

Bella estrella solitaria,
Linda estrella tão formosa,
Ai, diz-me, se quanto és bella,
Tu és também tão ditosa?

Quando te vejo dos céus
Na immensidade perdida,
Quizera saber teu fado,
Quizera lèr tua vida.

Quem te deu tal formosura?
Quem te deu taes esplendores?
Com que me matas d'encantos,
Como que me cegas d'amores.

Do espaço sem limites
Correndo na solidão,
Quem te ensina o teu caminho?
Quem te guia pela mão?..

Tua orbita constante
Ha milhões d'annos que pizas;
Desse gyro invariavel
Nem uma linha deslizas.

Quem te accende a luz divina
Que se não póde apagar?
Quantos mundos ignorados
Com ella fazes brilhar?..

Quem desejas, por quem vives?
Quem no espaço procuras?
Ataviada d'encantos,
Excelsa de formosuras.

Bella estrella solitaria,
Linda estrella tão formosa,
Ai, diz-me, se quanto és bella
Tu és também tão ditosa?

A' mesma hora, e mesmo instante
Todas as noites a fio
Vens pousar teus raios palidos
No acipreste sombrio.

Junto delle me tens visto
Envolto em negra tristeza,
Admirando teus fulgores
Melancolica belleza.

Qual eu sou, és por ventura?
Que paixão tua alma encerra?
Tu sozinha lá nos céus,
Eu sozinho cá na terra.

No azul do firmamento
Com tuas tremulas chammas,
P'ra viver de ti bem junto
Acaso me não reclamas?

Se negra nuvem passando
Te encobre com denso véu,
Em quanto não appareces
Não tiro os olhos do céu.

Se ao murmuro da corrente
Confiar vou minhas magoas,
Lá te vejo solitaria
Brilhar no fundo das agoas.

Se já de ti esquecido
Deixo o valle—subo ao monte,
Lá te encontro scintillando
Nas raias do horisonte.

Dizem sabios que da terra
Fazes a volta n'um dia:
Se é verdade, bello astro
Contigo gyrrar queria.

Bella estrella solitaria,
Linda estrella tão formosa,
Ai, diz-me, se quanto és bella
Tu es também tão ditosa?..

II.

Mas, quem és? porque brillas assim!
Onde corres, oh! astro divino!
Qual teu fado? no espaço infinito
Onde é que te leva o destino?..

Por ventura dos céus enviado
Serás tu algum anjo perdido?
Boas novas á terra trouxeste,
Anjo puro, dos anjos querido?

Ou és alma de virgem formosa
Que despira da terra o vil manto?
Inda hontem do mundo os amores,
Hoje apenas dos céus o encanto.

Ou serás um fatal pensamento
A correr na callada solidão,
Dessas leis, que regulam os mundos,
Procurando saber a razão?..

Embrenhado na matta cerrada,
Oscilando entre os ramos frondosos
Lá te vejo dos céus novamente
Acenar-me c'os raios formosos.

Quem és pois? porque brillas assim?
Onde corres, oh! astro divino?
Qual teu fado? no espaço infinito
Onde é que te leva o destino?..

III.

Não és anjo perdido
Dos céus na solidão;

Ai, bellos são os anjos
Mas como tu não são.

Nem és alma querida
De virgem bella e pura;
Que todas invejaram
A tua formosura.

Nem pensamento extranho
Buscando uma verdade;
Que espirito pudera
Conter a immensidade?..

De mundos ignorados
Não és sol, não és guia:
Não é tão bello o sol
Tão pura a luz do dia.

IV.

Quem és pois? porque brilhas assim?
Nesse espaço d'estrellas sem fim?..

V.

Não és nada do que penso
E nada do que imagino,
E's o astro de meus dias
A estrella de meu destino.

Tua celeste existencia
Embalde saber intento,
Se vives dentro em minh'alma
Filha do meu pensamento.

O teu perpetuo correr
No gyro da immensidade
O meu fado symbolisa,
A minha eterna saudade.

A tua luz scintillante,
De teus raios o fulgor,
Perfeita imagem revelam
De meu puro, casto amor.

Quando uma nuvem te encobre
Tua celeste belleza,
De meu coração retrata
O negro véu da tristeza.

Se amas pousar teus raios
No verde-negro acipreste:
E' que chorar amarguras
Como eu vim, tambem vieste.

E conversamos sosinhos
Como dois castos amantes,
Longas horas esquecidas
Que nos parecem instantes.

E ninguem sabe que existes,
Inda bem: pois se em teus lumes
Outros olhos vira accesos
Morrera alli de ciumes.

Morrera: que não quizera
Olvidar teu ser divino;
Bello astro de meus dias
Estrella de meu destino.

VI.

Mulher pura, divina, formosa,
Não prolongues o meu soffrimento;

Inda não te verás retratada
Nessa estrella de meu pensamento?..

De limpidos fogos
Estrella tão bella
Não ha: e só tu
Tu és mais do qu'ella.

Scintillando nos céus anilados
Quando a noite percorre seu gyro,
Nunca passa, que não me arrebate
Um saudoso, pungente suspiro.

Nos céus de minh'alma
Tu brilhas tambem;
Suspiros me levas
Das magoas que tem.

Sobre a terra mil raios esparge:
Onde cai sua pallida luz,
Gera logo tristeza saudosa,
Melancolica sombra produz.

Tu pallida és
Qual morta assucena:
Mais bella que os astros
De luz tão serena.

Bella estrella de fulgida luz
Pelos céus a correr não descança,
Que a leva? um desejo talvez!..
Um desejo? quem sabe: uma esp'rança.

Ai diz-me o que chora
O teu coração,
Esp'ranças perdidas?
Desejos em vão?..

VII.

Triste flor, lyrio pendido,
Nada choras, nada esperas;
De tuas magoas crueis
Leio nas vozes sinceras.

Cuidei com amor encher-te
Desejos d'alma inquieta:
Se me enganei, não illudas
As illusões do poeta.

Achei quanto já sonhara,
E tudo quanto imagino,
Bello astro de meus dias,
Mulher pura, ente divino.

Bella estrella de minh'alma
Linda estrella tão formosa,
Quanto és bella, se eu podesse
Serias tambem ditosa.

X.

INDUSTRIA E SCIENCIAS.

O GUIA E MANUAL DO CULTIVADOR.

Cultura das leguminosas de sementes farinaceas.

925.º *As leguminosas de sementes farinaceas que-*

rem terrenos calcareos, calcaro-argilosos, humidos, bem fabricados e adubados. Estas plantas são de muito interesse tanto na grande como na pequena cultura, tanto para o agricultor como para o horticultor. Dão-se melhor nos paizes temperados do que nos frios, e por isso são mais geralmente cultivadas no meio-dia do que no norte da Europa, onde soffrem muito com os gelos e com as neves do inverno. Como se nutrem principalmente das substancias aeriformes absorvidas pelas suas numerosas folhas esgotão muito menos os terrenos do que as gramineas, com as quaes devem alternar n'um bom systema de afolhamentos. Apresentam as vantagens de todas as culturas sachadas mantendo o solo n'um estado de permanente divisão, o que o melhora consideravelmente. Em consequencia da sombra que a sua espessa folhagem projecta no terreno concorrem para a conservação da sua humidade e para a extirpação das hervas ruins, uma grande parte das quaes vem a perecer por falta de luz. Produzem pela maior parte uma forragem mais substancial do que a dos cereaes, e subministram com as suas sementes um excellente nutrimento ao homem.

926.º Temes a tratar neste logar da cultura das seguintes leguminosas — das favas, dos grãos de bico, das lentilhas, das ervilhas, e dos feijões.

927.º *Cultura das favas.* A fava ou faveira (*vicia faba*, L.) é uma leguminosa que nos apresenta tres variedades, que se cultivam ha muito tempo entre nós: estas variedades são a fava ordinaria (*faba maior*), a fava de Mazagão (*faba mediocris*) e a fava de Hollanda ou faverola (*faba minor seu equina*). A primeira é a mais geralmente cultivada no reino; a segunda cultiva-se principalmente nas provincias do sul, e a terceira é a menos generalisada, posto que seja muito productiva, e subministre um excellente penso para os cavallos e outros animaes, circumstancia que tem propagado singularmente a sua cultura em Inglaterra, e em algumas das nossas ilhas.

928.º A fava é um legume que se cultiva tanto nas hortas como nas terras lavradas. A sua cultura mereceu sempre grande attenção aos nossos agricultores, porque lhes subministra um alimento abundante e sadio tanto para os seus creados como para os seus gados.

929.º Esta leguminosa apraz-se nos terrenos frescos e substanciaes. Quer amanhos repetidos e adubos abundantes. Semea-se nas nossas provincias do sul nos mezes de outubro e novembro; e nos sitios e annos frios nos fins de janeiro e principios de fevereiro, e ás vezes inda mais tarde conforme o correr da estação, a natureza do terreno e a qualidade da semente.

930.º Quando cultivamos este legume em grande, e em terras lavradas devemos primeiramente fabrica-las com a charrua e com a grade, e abrindo depois pequenos sulcos a distancia de um pé uns dos outros deitaremos ahí a semente com intervallos de oito a nove pollegadas; cobrindo-a depois ou com o arado

ou com a grade. Alguns agricultores costumão semea-la a lança, mas este methodo não merece ser adoptado: quando a cultivamos porém nas hortas e nos cercados, costuma-se preparar a terra á enchada, e dispondo-a em regos ou taboleiros nelles se faz a sementeira pelo methodo indicado.

931.º Quando as plantas tem algumas pollegadas de altura devem sachar-se e amontoar-se, o que augmenta consideravelmente a sua producção.

932.º As favas de Hollanda, que em alguns paizes são objecto de uma cultura consideravel, prosperam nas terras francas de pão: semeão-se em novembro e ás vezes em março a lança ou em linhas nos terrenos bem preparados: no primeiro caso convem grada-las quando tem duas pollegadas pouco mais ou menos, e no segundo podem sachar-se por meio de enchada de cavallo. A producção desta variedade é consideravel, e o seu grão é um bom alimento para cavallos e bois.

933.º As favas tambem se semeão frequentes vezes com o fim de as enterrar antes da floração na qualidade de adubos verdes. Estes adubos beneficiam consideravelmente o solo, e são um dos recursos de que devemos lançar mão quando houver escassez (e raras vezes deixa de haver-a) de estrumes vegeto-animaes.

934.º *Cultura do grão de bico.* O grão de bico ou ervanço (*cicer arietinum*, L.) é uma leguminosa muito generalisada na Asia e na Africa, cuja cultura se tem dilatado consideravelmente no meio dia da Europa e principalmente na Italia, em Portugal, e na Hespanha onde existem provincias inteiras que fazem deste legume o seu principal alimento.

935.º Os terrenos mais proprios para esta cultura são os calcaro-argilosos, com tanto que sejam bem fabricados e conservem alguma humidade. Nas provincias meridionaes de Hespanha e Portugal preferem semear os grãos no mez de Março e ainda nos primeiros dias do mez de Abril: e semeão-nos geralmente nos restolhos do trigo e cevada do anno anterior depois de os terem preparado com dois ou tres ferros. Ha porém localidades onde se prefere semeal-os no outomno, nos fins de Outubro e Novembro.

936.º Semeão-nos a rego e a distancia de meio palmo uns dos outros — passão-lhes depois a grade da maneira que fiquem enterrados a quatro dedos de profundidade. Quando tiverem cinco a seis pollegadas de altura devem sachar-se e amontoar-se sem o que é muito escassa a sua producção. Póde tambem empregar-se nesta operação a enchada de cavallo, uma vez que a sementeira tenha sido feita no intuito de aproveitar a acção deste excellente instrumento.

937.º Quando esta planta é destinada para forragem, o que é pouco commum entre nós, deve semear-se hasto e a lança. Neste caso deve cortar-se antes da floração para se poder obter um outro corte no decurso do verão. Esta leguminosa quando se ceifa verde melhora muito os terrenos, disfructa-os porém,

e esterilisa-os consideravelmente quando a destinamos á produçãõ da semente.

938.º *Cultura das lentilhas.* A *lentilha* (*ervum lens*, L.) apresenta duas variedades, ambas bastante cultivadas, tanto no nosso como n'outros paizes meridionaes. Estas variedades são a *lentilha grande* (*ervum lens maior*) e a *lentilha pequena* (*ervum lens minor*). A primeira é mais productiva do que a segunda, e é tambem a mais generalizada na península: apresenta sementes maiores muito comprimidas e de uma côr amarella escura. A segunda tem as sementes de uma côr avermelhada, mais achatadas e mais saborosas, sendo por esta razão cultivada de preferencia nas hortas. Ambas produzem porém um legume muito nutritivo e agradável.

939.º Além da especie, cujas duas variedades acabamos de mencionar, ainda se cultiva no reino, e principalmente na provincia de Traz-os-Montes uma outra que alli conhecem pelo nome improprio de *ervilhaca parda*, ou *parda dos transmontanos* (*ervum monanthos*) que é muito mais forraginosa, posto que um pouco inferior na qualidade de sua semente.

940.º As lentilhas querem terrenos sem grande preparaçãõ, arenosos e pobres: contentam-se com lavours superficiaes, por isso que as suas raizes profundam muito pouco no solo. E' no mez de Fevereiro e Março, mas principalmente nesta ultima epoca, que devem semear-se. Costumam lançal-as nos restolhos de centeio, e cevada depois de convenientemente fabricados.

941.º Esta planta precisa colher-se antes que a sua vagem esteja completamente madura para se não perder uma porçãõ de semente que se espalha com grande facilidade pela terra. Bate-se, debulha-se e limpa-se na eira como o trigo ou qualquer outra graminifera.

942.º *Cultura das ervilhas.* A *ervilha* ou *ervilheira ordinaria* (*Pisum sativum*) como todas as plantas desde longo tempo cultivadas apresenta um grande numero de variedades e raças que se distinguem umas das outras por mais temporãs, ou por mais serodias, pelos seus caules mais ou menos longos ou anões, pelos seus legumes mais ou menos curtos, mais ou menos tenros revestidos ou não de uma pelicula em fórma de pergaminho; assim como pela grandeza, pela fórma, e pela côr das suas sementes.

943.º As variedades mais geralmente cultivadas entre nós são a *genoveza*, a *torta*, a *anã*, a *de olho preto*, e a *de quebrar*.

944.º As ervilhas cultivam-se em grande nas terras lavradas, já para o nutrimento dos homens, já para o dos animaes domesticos; os primeiros comens verdes ou seccas, e de ambas as maneiras são um excellente e saboroso legume—os segundos debaixo da forma de forragem tambem verde ou secca. Cultivam-se igualmente nas hortas e nos cercados, mas só

com o primeiro fim, o de lhe aproveitar os legumes e as sementes.

945.º Os terrenos mais propicios ás ervilhas são os *argilo-calcareos* e os *silico-calcareos*. O marne e a cal são duas substancias que ministram a esta leguminosa os elementos nutritivos mais do seu gosto: esta planta tem uma pronunciada repugnancia pelos terrenos muito tenazes, frios, e permanentemente humidos.

946.º As terras que consagramos á cultura em grande das ervilhas não demandam tanta preparaçãõ como as que se destinam a algumas outras leguminosas, ao feijão por exemplo. Basta-lhes um lavor profundo antes do inverno, e um outro mais superficial antes da sementeira. Esta planta é porém mais exigente pelo que respeita aos lavores de entretenimento como são a monda, a sacha, e a arrenda que se devem applicar com a possível prodigalidade. O horticultor porém deve ser mais esmerado e cuidadoso nos amanhos de preparaçãõ deste legume; e depois de ter cavado e fabricado muito bem a terra deve distribuil-a em pequenos taboleiros de nove a dez palmos cada um, separados por largas margens, onde depositará a semente a distancias eguaes—sachando e arrendando depois uma e mais vezes segundo a necessidade; e ampando e regando as plantas para que o seu desenvolvimento possa ser completo, e a sua fructificaçãõ abundante.

947.º As epocas da sementeira desta leguminosa são as mesmas que as da faveira; com a differença de que quando quizermos utilizar-lhe os legumes verdes deveremos semeal-a de 15 em 15 dias, desde Novembro até Março, para obtermos successivas novidades. A sementeira deve fazer-se em linhas parallellas para se tornarem mais faceis os amanhos da sacha e da arrenda. Para este fim poremos uma mulher ou um rapaz atraz do arado para ir lançando a semente no meio do rego, que cobriremos finalmente com a grade.

948.º Em um terreno propicio as ervilhas podem succeder a quasi todas as colheitas, e particularmente aos cereaes e ás batatas. Não devem porém succeder-se a si mesmas, e não convem semeal-as no mesmo logar senão depois de decorridos cinco ou seis annos.

949.º Impede-se que as ervilhas colhidas seccas sejam destruidas pelas larvas do *Bruchus*, que atacam com grande voracidade a sua parte farinhosa, deitando as sementes logo depois de colhidas em agoa fervendo, e immediatamente depois em agoa fria acelerando a sua dessecaçãõ.

José Maria Grande.

P. S. A necessidade instante de concluir a impressãõ do 1.º volume do *Guia e Manual do Cultivador*, na proxima semana, nos inhibe de poder inserir na *Epoca*, como desejavamos, o restante das materias do mesmo volume.

ESTUDOS SOBRE CABO VERDE.

(Continuado do n.º 22).

IV

O creoulo. — *Mã caminho stá perto de pinchá co troxa.* — *Vocabulario.* — *Idéa geral deste dialecto.* — *Causas de sua existencia.* — *A quem se devem as primeiras escolas.* — *O Sr. visconde de Sá da Bandeira, e o Sr. Marinho.* — *O decreto de 14 d' Agosto de 1845.* — *Notas.*

Tem os habitantes destas ilhas um dialecto proprio, a que vulgarmente se chama *creoulo*, o qual é uma corrupção do antigo portuguez com diversos vocabulos, tambem viciados, de algumas linguas da Europa, com especialidade do inglez, e hollandez, e de muitos termos usados pelas diversas tribus da Costa fronteira. Ha duas especies de *creoulo* que são o *fundo*, e o *vulgar*; aquelle usa-se ordinariamente entre a gente do interior, que não tem nenhuma communicação, ou só mui pequena, com a população da beira mar; e este, que é aquelle que se emprega nas relações mutuas dos indigenas; com tudo nestas povoações da beira mar, todos entendem o portuguez, posto que nem todos o fallam.

Para que os leitores possam ter uma idéa clara deste dialecto, de que, nas publicações feitas até hoje, apenas tem apparecido algumas frases incorrectas, que não pôdem servir senão para dar-lhes noções inexactas do objecto, vou transcrever, em seguimento, um specimen do *creoulo*. E' o que segue, extrahido de uma carta, que o fallecido vice-consul francez dirigiu poucos dias antes de suicidar-se, a umas senhoras suas parentas:

Nháunhas.

« *Mã nharas ta passá? No sei nharas al stá mal » comi? Si stá al ser só commodá. — Nós tudo aleno- » li co saude; ja me passaba mal, porém agora na » commodade na molle quéto: saudades de nhores ta » matám ponta ponta: um ca tá morré porque hora cá » chegá, de li secenta annos um al avisá nharas mã » caminho stá perto de pinchá co troxa. E' cá si? &c. »*

Não me é possível traduzir isto á lettra de modo que se entenda, por isso vou apresentar a seguinte traducção livre:

« Minhas senhoras. Como passam? Não sei se estão mal comigo, mas deveriam estar muito minhas amigas. Todos nós vamos por aqui de saude; eu passei adentado, porém agora estou perfeitamente bom. Matam-me as saudades que tenho suas; se não morri ainda é porque não me chegou a minha hora. Daqui a sessenta annos hei-de avisal-as de que está proximo o dia de puxar com a troxa. Não é assim? &c. »

O *creoulo fundo* é pronunciado quasi gutturalmente, o que não só lhe dá uma expressão desagradavel,

mas o torna intelligivel a quem não estiver acostumado a ouvir-o. Disse-me a mim uma pessoa da villa de S. Philippe, na ilha do Fogo, que não entendia dois creoulos do interior a fallarem juntos.

Tambem é bom saber-se que o mais cerrado de todo o archipelago é o que se usa no interior da ilha do Fogo.

O que mais se assemelha ao portuguez, pela maneira de o pronunciar, é o da Boa Vista; e o que, na opinião de muita gente, mais se approxima d'elle pelas muitas palavras que tem puramente portuguezas, é o de S. Nicolau; posto que todos concordem em que a pronunção deste é mais desagradavel, que a do da Boa Vista. O de Santo Antão faz-se notavel pelo descanço e sons cantantes de que é acompanhado.

O dialecto *creoulo* não é uniforme em todas as ilhas: cada uma dellas tem nelle introduzido modificações, que eu attribuo á communicação que nellas ha com uns, mais que outros forasteiros. Nesta expressão comprehendem-se os portuguezes e os estrangeiros.

E' impossivel escrever este dialecto, que tira a sua força principal da expressão com que os indigenas acompanham as palavras, e tambem de alguns sons, que não pôdem traduzir-se pela escriptura. O fallecido bispo D. João Henriques Moniz tentou compôr uma grammatica e um dicionario, mas teve de abandonar a empreza.

Para completar as informações sobre esta lingua, aqui ajunto um pequeno vocabulario, e a conjugação de um verbo, o que por si só diz mais que muitas e diffusas explicações:

Depressa	Fache.
Tudo	Fepo.
Muito	Cheu.
Bom	Falhado.
Rapazote	Minino de mandado.
Homem bem vestido,	} . . . Home rascom.
Homem generoso,	
Que se apresenta bem, &c. }	
Bebedo	Dógádo (1).
Beliscar	Chupeté.
Sem razão	Si-si.
Aparar (na queda)	Pultá.
Andar de rastos	Jongotó.
Aqui estou	Ali'm'li.
Eu já vou	Al am' ta bai.
Escabecear com somno	Jongá.
Dizer	Flá.
Fallar	Papiá.
Admiração (signal de)	Bi!
Vêr }	Ojjá (2).
Olhar }	

(1) Em algumas ilhas em vez de *Dógádo* para exprimir um *bebedo*, dizem: *Nagáta*.

(2) Na ilha de Santiago dizem, *ver*: *Jobe*: nas outras ilhas *ver*, e *olhar* exprime-se sempre pelo *Ojjá*.

Finado *Gongó.*
 Não *Ca.*
 Destroço *Moia-moia (3).*

Conjugação do verbo Ter

Tempo presente.

N.S. Eu tenho (4). *Um têm. N.P. Nós temos. Nũ têm.*
 Tu tens *Bu têm. Vós tendes. Nhores têm*
 Elle tem. . . *Elle têm. Elles têm. Elle têm.*

Preterito imperfeito.

N.S. Eu tinha. *Um temba. N.P. Nós tinhamos. Nũ temba.*

Preterito perfeito.

N.S. Eu tive. *Um jam têm. N.P. Nós tivemos. Nũ jam têm*

Futuro imperfeito.

N.S. Eu hei-de ter. *Um al têm. N.P. Nós havemos de ter. Nũ al têm.*

Futuro condicional.

N.S. Eu teria. *Um al têm. N.P. Nós teríamos. Nũ al têm.*

E assim por diante; que não é meu proposito concluir a grammatica e o dictionario, que seu auctor abandonou.

Um dialecto tão pobre, e tão perguizoso não se enraizaria n'um paiz de actividade, e de idéas, se nelle tivesse havido um systema qualquer de administração; se as idéas tivessem sido cultivadas por meio de escolas sufficientes para desenvolver e aperfeiçoar a intelligencia; n'uma palavra se a auctoridade publica tivesse prestado a este objecto a attenção de que é digno.

E' um facto incontestavel que a lingua, que ao principio se fallava nestas ilhas, era o portuguez tão puro como o da Europa: a qualidade de seus povoadores e colonos, pela maior parte gente do Algarve: a correcção do estillo, a belleza da dicção, e a força do raciocinio empregada em diversos papeis officiaes, e ainda ultimamente n'uma resposta que a camara da cidade deu a el-rei aos 20 de Julho de 1698, qualidades que depois debalde se procuram em analogos papeis, mostram que se manejava mui bem o portuguez, o que só pôde explicar-se pelo frequente uso desta lingua.

Como é que depois foi proscripta, e cedeu o logar á algaravia que hoje se usa? Aconteceu á lingua o mesmo que á população que da Europa tinha ido, e que foram suplantadas pela população preta e mixta, e pelo seu dialecto barbaro e corrupto, que na minha opinião foi, e continúa a ser ainda, o mais forte obstaculo ao aperfeiçoamento physico, moral e intellectual, ao mesmo tempo que tambem o está sendo para a boa administração da justiça (3).

(3) *Moia-moia* é o nome de um sitio da costa da ilha de Santiago, onde naufragou uma embarcação; desse sitio chamou-se *Moia-moia* ao naufragio de qualquer navio, e por ampliação a tudo o que é destroço. Por imitação dão alli tambem o nome de *moia-moia* á superabundancia de alguma cousa, que tenha por isso pouco valor, e de que se não faça aprecio.

(4) Na ilha de Santiago diz-se *Um tens; um tenoba; Eu tenho; eu tinha, &c.*

(5) Tive occasião de observar, em quanto fui auditor

Vem a proposito, por esta occasião, dizer alguma cousa da instrucção de Cabo Verde.

E' um espectáculo bem melancolico o da instrucção publica nesta provincia, descoberta e povoada (as ilhas de Santiago e Fogo) ha bem perto de 400 annos! e muito mais para quem souber, que em vez de progredir e melhorar-se, recuou, e quasi que de todo se extinguiu, a pouca de que ao principio tinham sido dotadas, independentemente do governo, e quasi diria contra sua vontade.

Com o clero, e unicamente por seus cuidados, se crearam na ilha de Santiago, e depois na do Fogo, as primeiras escolas de *ler, escrever e contar*; o que se attribue ao bispo D. João Parviz, que falleceu no anno de 1546. Devo porém declarar que não encontrei documento algum, que auctorizasse esta opinião, que apenas se funda n'uma tradição confusa, como acontece a respeito de muitas outras cousas. Nem isso deve admirar.

Com tudo inclino-me a crer a exactidão della, quando vejo que o bispo D. Fr. Francisco da Cruz creou na cidade uma cadeira de grammatica latina para *instrucção dos que se dedicavam ao estado ecclesiastico*, cadeira que foi approvada por alvará de 12 de Março de 1555, que lhe arbitrou o ordenado de 20\$ réis annuaes, e entregou ao bispo de Cabo Verde a nomeação do mestre; porque não é provavel que se estabelesse esta cadeira de latim, se não houvesse já mestre que ensinasse o portuguez.

Sei que isto não passa de uma conjectura, mas parece-me que é mais bem fundada que a do Sr. Lopes de Lima, (6) o qual a despeito de documentos offi-

em Cabo Verde, que algumas testemunhas sendo repreguntadas, por via de um interprete, diziam o contrario do que nos primeiros depoimentos estava escripto; e quasi sempre negavam que se lhes tivessem lido aquelles, apezar de que não só dos auctos constava o contrario, mas até eu tinha a consciencia de que essa declaração não era exacta: porém tantas vezes me aconteceu isto, que tratei de informar-me officiosamente, e disseram-me, o que não assevero que seja exacto, ainda que seja possivel:

1.º Que os interrogatorios eram feitos sem intervenção de interprete, e que se escrevia não o que diziam as testemunhas, mas o que se lhes entendia. Um som guttural é uma affirmativa, e outras vezes uma negativa, conforme a expressão do gesto, ou a intonação: já se vê que é necessario muito uso para se conhecer esta differença: e assim achei a explicação.

2.º Que os depoimentos eram-lhes lidos em portuguez, como tinham sido escriptos, o que elles não entendiam, e de que por conseguinte não conservavam lembrança.

(6) Eis aqui como este senhor se explica a pag. 79 do 1.º vol. dos seus *Ensaios sobre a Estatística das Possessões Portuguezas no Ultramar*:

«Correm-se os annaes da provincia (Cabo Verde), e apenas em 1740 se topa com a criação de uma cadeira de latim (e no convento dos Capuchos havia uma de moral) sem haver uma só escola de primeiras letras paga pelo governo.»

No texto mostramos que é no anno de 1555 que se topa com a criação da cadeira de latim; que a de moral foi creada em 1588: agora é bom que se saiba que a primeira pedra do convento dos Capuchos foi lançada no anno de 1657, isto

ciaes, põe a criação de uma cadeira de latim só no anno de 1740, (quando nesse tempo, e com antecedencia de 152 annos já havia uma cadeira de moral, creada tambem na cidade pelo bispo D. Fr. Pedro Brandão, a qual foi approvada por alvará de 2 de Fevereiro de 1588); e não cuidou de indagar se havia já alguma de portuguez, e quando, e por quem fóra creada: — fazendo assim crer que nenhuma havia.

Na Ilha de Santo Antão, foi a primeira escola instituida pelo bispo D. Fr. Pedro Jacintho Valente, assim como a de S. Nicoláu o foi depois pelo bispo D. Fr. Christovão de S. Boaventura, que extendeu este beneficio a outras ilhas, provendo nestas escolas os padres a quem encarregava as parochias; e creou mais uma cadeira de latim e uma de moral na referida ilha de S. Nicoláu.

E' possível, e mesmo muito provavel, que com o andar dos tempos nem sempre estas escolas fossem confiadas a bons mestres, e que a isso deva attribuir-se a existencia actual do creoulo; mas com ellas tirava-se uma vantagem que não tenho em conta de pequena, e era instigar outros a que por emulação abrissem escolas, quer com a mira no interesse, quer para se entreterem e passarem o tempo. Destas, algumas ha actualmente em todas as ilhas, mas principalmente na Villa da Praia, entre os caixeiros.

Infelizmente não se tirou dessas escolas todo o possível partido; já porque a falta de rendimentos, que sendo hoje muito escassos, ainda mais o eram d'antes, acobardasse os governadores, e lhes obstasse a que se lançassem a ordenar maiores despesas; já porque entrasse nos seus planos conservar o povo na maior ignorancia possível; ou finalmente porque a falta de povoações reunidas concorresse para difficultar o estabelecimento dellas por conta do governo; o caso é que elle não attendeu nunca a este importante assumpto.

A junta da fazenda estabeleceu a primeira escola publica na Villa da Praia em 1817 com 80\$ réis de ordenado, e casas, mas não sei como (tendo morrido pouco depois assassinado o mestre, *que era um hespanhol*) aquelle que lhe succedeu apparece apenas com o de 60\$ réis, e nada de casas: talvez que isto concorresse para que elle a abandonasse pouco depois de nomeado.

E assim ficou a provincia de Cabo Verde por espaço de quasi 20 annos, até que o Sr. Visconde de Sá da Bandeira, na qualidade de ministro da côroa, e o Sr. Marinho na de governador geral, alguma coisa

é, 69 annos depois que a cadeira de moral foi creada. Assim erro de 155 annos quanto á primeira, e de quasi igual n.º dellas quanto á segunda. Mas nesse tempo não apparece verba alguma applicada pelo governo para uma só escola de primeiras letras, dirá alguém; assim é; mas não se segue que as não houvesse, maxime se se quizer attender a que sendo os parochos os que dirigiam essas escolas, e estes pagos pela importancia dos dizimos, sem ingerencia alguma dos governadores, não havia necessidade de figurar em folha civil e ordenado destes mestres.

mais olharam por isto; aquelle, remettendo uma porção de livros elementares e outros objectos indispensaveis para o ensino da mocidade; e este creando escolas publicas em algumas ilhas, e provendo outras de mestres.

Assim, na ilha de Santiago creou uma, no concelho de Santa Catherina, que proveu; assim como proveu a da Villa da Praia, que acima disse estava creada havia annos:

Creou, e proveu uma na Ilha do Maio;

Creou duas, e proveu uma na Ilha de Santo Antão;

Auctorizou a criação e provimento de mais uma na Ilha de S. Nicoláu;

Creou, e proveu uma na Ilha da Boa Vista.

Pena foi que as suas escolhas não fossem todas, como estou certo que desejava; e mais pena ainda, que não levasse os seus cuidados até onde podiam ir; e que, aproveitando a amizade pessoal do ministro da repartição, e a larga auctorisação que lhe conferia o decreto de 7 de Dezembro de 1836, não desse um regulamento a estas escolas, e as deixasse ainda sem um plano d'estudos, falta que é muito sensivel, e que cada vez se torna mais urgente remediar.

O seu successor não acudiu a este mal; e posto que devo á justiça confessar que já não tinha attribuições tão latas, pois que o decreto de 28 de Setembro de 1838 as cerceou muito; com tudo parece-me que quem se julgou auctorizado para dispensar, em concelho, os mestres da obrigação de pagarem direitos de mercê, applicando-lhes a legislação de Portugal, alguma cousa podia tambem tentar a favor da instrucção.

Não aconteceu assim. Apenas em um orçamento, que não sei se foi feito sob inspiração sua, ou por mera curiosidade do Sr. secretario do governo, vi uma divisão arbitraria das escolas em 3 classes, a saber: duas da 1.ª; dôze da 2.ª; e vinte duas da 3.ª; além de duas escolas para meninas, propondo-se para tudo isto uma verba de 3:648\$ réis: como porém não sei que esta classificação tivesse sido acompanhada de um plano de estudos, não me julgo habilitado para avaliar este trabalho, em que apenas acho curiosa a symetria dos *tres vezes dez*, que alli apparece.

Tal é o estado em que estava a instrucção publica quando em Setembro de 1844 offereci o meu plano d'estudos elementares, e regulamento das escolas, que em 1846 tive de harmonisar com o decreto de 14 d'Agosto de 1845; seguindo-se-lhe pouco depois, e já na qualidade de vogal do concelho inspector de instrucção primaria, uma proposta para a collocação das escolas, que dividi em urbanas e rusticas, e a de um regimento de attribuições do concelho; por serem estas providencias as bases essenciaes para a reforma, que eu planisava, a fim de tornar uma realidade o próprio decreto a que me referi, e que considero um monumento de gloria para o Sr. ministro que o referendou.

Ha um anno que sahi de Cabo Verde, e por isso ignoro se alguma cousa tem progredido a instrucção elemental; supponho que nada, e que pelo contrario alguma cousa terá recuado do caminho, onde havia entrado. Faço votos ao céu porque se presista no pensamento reformador e benefico, a que as provincias Ultramarinas devem o decreto de 14 d'Agosto de 1845, que se for convenientemente modificado, será a sua constituição litteraria.

Mas para que se realizem os meus desejos são necessarias tantas condições nas pessoas que se achem á testa da administração daquella provincia, e tantas egualmente, aqui na Metropole, que muito receio que elles fiquem irrealizados. Quem dirá que a escolha da capital não seja uma das mais importantes? e de facto é-o tanto, que sem isso nunca haverá verdadeira instrucção em Cabo Verde.

José Maria de Sousa Monteiro.

Publicamos hoje dois documentos, que de certo merecerão o agrado dos nossos leitores. Na grande epopeia da conquista do oriente sobre todos avultam dois nomes, que simbolizam um o genio da victoria, o outro a probidade romana dos Fabricios. Affonso de Albuquerque e D. João de Castro encheram a Europa e a Asia com a gloria das suas armas; e o ultimo uniu aos tropheos militares a admiração de virtudes que pareciam d'outros tempos.

As cartas de D. João de Castro, como os escriptos de Affonso de Albuquerque, não pintam só o homem, retratam a sociedade no tempo da guerra indica. Tudo o que a mão fugindo lançou nas intimas confidencias que escapam á mente vergada de cogitações no segredo epistolar — é precioso, é inextimavel para restaurarmos as feições da vida politica e militar dos vencedores de Diu, e de Malaca. Neste sentido se publicam algumas cartas de D. João de Castro, que pela materia se reputaram mais curiosas.

Começamos pela que D. Fernando, seu filho escrevia de um dos baluartes de Diu, pouco antes de voar com elle. E' simples a linguagem do soldado-cavalleiro. Vê-se bem que era da escola dos antigos lidadores — da raça dos fronteiros velhos, que morriam como Gonçalo Mendes da Maia — aos oitenta annos com o rosto virado ao inimigo, no chão das batalhas, recostados ao escudo. Ouvindo talvez as ultimas palavras do mancebo o coração geme desse inexoravel destino, que tão cedo cortou em flor a vida que promettia á patria tantos serviços, e á familia dos Castros novos brazões de gloria.

Esta carta é lettra original de D. Fernando de Castro, foi escripta no anno de mil quinhentos e quarenta e seis, tempo em que durou o Cerco de Diu defendida por D. João Mascarenhas; D. Fernando de Castro morreu com outros no Baluarte da praça a 10

de Agosto. A carta é toda original da lettra de D. Fernando. Diogo de Couto na Decada 6. Liv 2.º Cap. 9 diz que o Baluarte minado, em que voou D. Fernando, foi o da Invocação de S. João, porém Jacintho Freire d'Andrade na vida de D. João de Castro assegura ter sido no denominado S. Thomé.

De D. Fernando de Castro para seu Pae o Vice-Rei D. João de Castro, estando o dito D. Fernando em Diu no tempo do Cerco que defendeu D. João Mascarenhas. É a original escripta por lettra do mesmo D. Fernando.

Heu fiquo de saude Nosso Senhor seja louvado, etoda minha companhia somente Jorge d'Almeida hum fidalguo honrado que está ferido de huma espingardada porque este ho o officio devido anossas pessoas. Helles e eu fiquamos servindo nosso Capitam segundo emzemplo, e doutrina que recebi de V. m.º porque para sina de cumprir seu mandar sinto meu natural, nam tenho mais que dizer a V. m.º porque o mais he licito aos Capitães, e nam Soldados senam que em toda parte onde estiver serei seu filho Nosso Senhor acrecendo avida a V m.º de Dio primeiro de Julho.

Filho de V m.º

D. Fernando de Castro.

D. João de Castro do Concelho delRey nosso Senhor seu Capitão Geral e Governador nestas partes da India &c. Faço saber a quoauntos este meu Alvará d'Alçada, e poder virem, como pela muita confiança, que tenho de Dom Alvaro de Castro meu filho servirá elRei nosso Senhor com a quelle cuidado, vigilancia, animo, e amor, que delle se espera, e cumpre, ao serviço do Dito Snr. ho mando ora por Capitam mor do mar com huma armada atomar posse da Cidade de Adem pera o dito Senhor, e a tornar a entregar em nome de Sua A. ao dito Rey, e fazer com ele todas as cousas, que cumprirem ao serviço delRey nosso Senhor. Eporque pera os semelhantes casos cumpre levar poder e allçada na gente que comsigo leva, por este lhe dou allçada nos casos crimes em toda pesoa como não for Capitaõ, ou fidalguo, ou creado do dito Senhor, ate morte inclusive, e nos que forem fidalguos, ou creados de S. A. fazendo allguos crimes porque com Justiça devão de ser castigados os mandará prender, efazer auctos de suas culpas com hum escrivão que pera isso tomará, emos mandará presos, e abom requado com os auctos de suas culpas pera delles mandar fazer Justiça, e assi lhe dou poder, e allçada, que succedendo casos pera isso os possa apenar ate cincoenta cruzados, e quatro annos de degredo, e nestas cousas com as limitações declaradas dará nos crimes suas sentenças á execuçãõ, enos casos civees lhe dou poder e allçada de cincoenta mil reys, e da dita contia pera cima dara apelaçãõ, e agravo; portanto a notifiqou assi atodollos Capitães de

navios que com elle vão, e fidalguos, cavaleiros, e lascarins, Comitres, e marinheiros, e toda a outra pessoa de qualquer qualidade, e condiçam que seja, e lhes mando que lhe obedeçam, e ho hajaõ por seu Capitam mor do mar, e cumpraõ seus mandados como se delles espera. Bastiam Dias ovez em Baçaim a 23 de Fevereiro de 1548.

Dom Joham de Castro.

Ao Infante D. Luiz, Irmão d'El-Rei D. João 3.º na primeira vez que esteve na India em tempo de D. Gracia de Noronha e D. Estevão da Gama.

Ha obrigação, que tenho de servir V. A. pode tanto, que sabendo eu bem quanta razaõ ha de ho enfadarem minhas cartas, não posso acabar comiguo deixar de lhas escrever, e cabir em groçaria, e tanto mais, quanto sei mais serto que uzo nisto como sobrejo, e empertuno, mas como ja mais se me póde arrancar da alma, etirar da memoria as grandes honras, e mercêa, que de V. A. tenho recebido, e os muitos beneficios, que alcancei de ser chegado a sua Real Casa e trazer na boca seu alto nome, temo tanto por algum cazo poder ser notado de engrato, e dezagradecido, que ho perseverado cuidado, que trago para me guardar de poder cahir em tam abominavel culpa mui asinha sera a occazião de receber V. A. com minha escriptura algum enfadamento sem eu sentir ho que faço, portanto Senhor este officio, e licença, que tomo todolos annos de lhe fazer asabor as novas desta terra durarme-ha tanto quanto nella estiver, ou V. A. aver por seu serviço ho contrario.

Ho Viso-Rey (1) adoeceo de velhice, e das emportunações, e fadigas dos Homens, estaria obra de seis Mezes em huma Cama purgando seus pecados, e por derradeiro aos tres dias de Abril pagou á natureza a devida, que lhe todos devemos, por seu falecimento foi alevantado por Governador da India Dom Estevão da Gama o qual tanto que recebeo, e tomou posse deste perigozissimo, etormentoso Cargo logo começou com muito cuidado, e presteza a prover em algumas cousas, as quaes pela doença do Viso Rey jaziaõ cobertas de mato, prencipalmente mandou concertar muito bem a Armada, e fazer de novo Gallez e Galleões, e depois disto despedio Embaixadores aos Reys, e Senhores da terra firme persuadendo — os aguardarem com elle as amizades, e alianças antigas, e como teve assentado, equietos, os corações dos Indios começou a entender nas couzas da Fazenda, e regimento da terra ordenando que não navegassem chatins para bem e proveito da Fazenda delRey, e como estas obras, eoutras desta qualidade passamos, ho inverno.

Desde ho anno de 1539 até agora em toda a India chamada Intra-Gange foi amaior esterilidade, qual

(1) D. Gracia de Noronha, que passou a governar a India no anno de 1538 e como elle foi pela primeira vez áquelle Estado D. João de Castro que era seu cunhado.

nunca os homens cuidaraõ de ver, maiormente no Reino de Bisnaga onde he tirado alimpo que das tres partes da gente seraõ mortas as duas de fome, ecomo que ainda este mal nam bastava para vingança e castigo dos pecados do pouco, sobreveolhe huma peste taõ cruel, que foi couza segundo dizem monstroza, em muitas partes se vieraõ a fazer obras erracionaes, e contra a natureza dos homens como as Mays gostarem as carnes de seus proprios filhos, e ajuntaraõse os povos, e Cidadãos, e por concelho, eparecer de todos irem se lançar nos rios e Laguas avendo que em escolher assim este genero de morte fugiaõ os trabalhos, e oppressões de outras muitas mortes.

No grande Reino de Cambaia ha ja dous annos que dura nelle a guerra Civil porque entrou competencia entre os Senhores, e privados sobre quem teria em seu poder ElRey ho qual he menino, esobre esta couza foraõ, e são tamanhas as defrenças que está a terra perdida em tamanha maneira, que parece impossivel tornar alevantar cabeça e gozar da prosperidade, que soia.

Ho Malavar está todo de paz, e muito queto, para que leva caminho de se assentar e quebrar as furias passadas, ho que a meu juizo depois da destruição dos Rumes, parece que cumpre mais ao Estado, e conservação da India, que toda outra cousa, temo que ho desconcerto dos Portuguezes, e ho pouco que consideredaõ do fucturo estorve tamanho bem.

Hos Rumes ho dia de hoje são senhores de todolos portos, e lugares, que estão nas praias do Seno Arabico chamado nestas partes Estreito de Adem, quam damnosa, e prejudiceal nos seja esta vezenhança ameu ver há pouco que determinar, porque somente com estarem quedos nos faraõ tanta guerra, e poraõ em tanto gasto, que não será muito de nos porem em termos de deixar ha terra, visto como senaõ pode representar falta e necessidade, que qua nam haja para as couzas de serviço d'ElRey, e bem da Republica, de modo Senhor, que para armar quatro Fustas nam há possibilidade pois para pagar soldos, ou mantimentos já somos dezenganados polo qual agente anda como pasmada, e fora de si, e daqui virem cahir em extrema desesperação ha mui pouco, ho que me faz muitas vezes conjecturar na grande força, e espantoza desprovidencia dos Portuguezes, os quaes em espaço de quarenta annos poderaõ esgotar as riquezas inumeraveis da India, as quaes pareciaõ sobrepujarem as forças dos homanos em muitos mundos, sem nos ficar não digo já em que nos possamos soster alguns annos, mas magoa, e dor de tamanha desaventura, o que sertamente com muita razaõ devia de ser contado entre os sete milagres do mundo, este mal já agora erremediavel ameu fraco juizo devia denacer dos bons regimentos, e dos mãos Officiaes, que a esta terra vem; porque segundo vemos em Portugal mais mezes tomaõ para pintarem, e fazerem regimentos, que horas para se escolherem Officiaes, porem a espiencia parece,

que nos mostra o contrario, porque os bons, e proveitosos Regimentos, não podem fazer os maos e preverosos homens, que sejaõ fieis, e muito escoimados Officiaes, e hos bons homens, e tementes a Deus sem regimentos, e com maos regimentos são forçadamente bons Officiaes, e acertaõ em quanto fazem porque a verdade he mais descuberta e boa de conhecer, e tambem foraõ em Portugal chamar sesudos, e homens para muito as pessoas, que roubaõ com toda a especie de maldade centoenta, e ás vezes cem mil cruzados, e aos que ou por serem tementes a Deos, ou por terem amor, e lealdade a seu Rey por fazerem o que devem, vaõ pobres, perdidos, e homens, que senão sabem aproveitar, eportanto trabalhe cada um por alcançar boa fama, e nomeada em sua terra, que he couza mui natural e devida a todos, de maneira Senhor que a servir se ElRey destes homens sezudos, e singulares, varões, he a pouca estima em que os outros, que senão sabem aproveitar são tidos: pozeraõ a India, e ho Reyno em tal estado que nos he segundo eu hora vejo mais necessario apegar com hos Santos, que confiar em nossas forças e poder.

Mas como quer que V. A. seja dotado de tantas, e tamanhas virtudes quaes ja mais a natureza ajuntou em Principe do Universo e que as cousas, que tocaõ ao serviço d'ElRey e bem universal de seus Reinos lhe seja sobre todas couzas desta vida aprazivel, não creio que será fora de propozito, e de minha obrigação dizer lhe alguns pontos nos quaes consiste muita parte de seu Serviço, e bem, e conservação desta sua destruida terra. A costa da India está cheia de fortalezas, e castellos, onde se consumem as rendas da India, e quanta fazenda vem de Portugal sem que della se tire outros frutos salvo opressões, e trabalhos, e seja com estas Fortalezas ganharamos honra, e se fortificara, e fizera maior o nosso poder parecia couza conveniente soffrerse os seus continuos, e demaziados gastos, que se nellas fazem, mas eu vejo que tudo isto he contrairo, e que por respeito destas fortalezas somos fracos, e que pelas queremos sustentar padecemos muitas dezonras, e necessidades, não sei sertamente que Leis são estas dos homens tão crueis, que dizem ser abatimento dos Princeses derribar paredes velhas, as quaes postas em pe destruem os seus Reinos, e a elles poem em perigo, e derrebadas as fáz grandes, e mais poderosas, e seus reinos hemaventurados. Nesta terra Senhor a meu ver nam devia de haver mais que Cochim, Goa, Baçaim, e ainda Baçaim mais por cauza da madeira que nelle há, que por razão do dinheiro, que dizem que ella rende visto a pouca jente que há na India para as guardar e os grandes empedimentos que tem para se secorrer e como ellas sejaõ muitas, e os Soldados poucos canção ho corpo, e sustancia da India estar tão derramados que os Turcos chegarem a barra de Goa nemhum caminho ha nem pode haver para se ajuntar. Alem deste inconveniente occupão estas

fortalezas tanta gente, Artilharia, bombardeiros, e gastão tanta somma de polvora, e munições de guerra, que as nossas Armadas ficão parecendo mais vazilhas de mercadoria, e de carga, que navios de Guerra; e tambem são estas fortalezas tão fracas, que tirando Dio nenhuma outra he capas de se poder defender oito dias de nossos inimigos, e tomando huma arma segundo occazião para os Reys e Senhores nossos vizinhos se alçarem por elles, porque afirmo a V. A. que a gente do mundo que mais segue aos vencedores he a da India. Assim Senhor que eu não saberia dár mais viva razão para sustentarmos estas fortalezas, ou paredes sem fructos senão que deve já de sér assim por nos não ficar couza alguma por fazer pera pormos a India, e o Estado d'ElRey em balança, e extremo perigo.

Considerando muitas vezes comigo mesmo no modo, e disceplena com que vivemos nestas partes, e verdadeiramente Senhor que fico espantado e atonito, e antes disto não podera crer que ho costume de qualquer couza, ou quiça costelação da terra mudasse tam facilmente, e em prompto a nossa natureza, porque vejo que em chegando de Portugal á India no mesmo estante tomamos nova forma, nova arte, nova maneira de viver. A pessoa que vem pera soldado na mesma hora quer parecer mercador, o que vem para mercador logo porfia, e julga nas couzas da guerra, e trabalha de parecer soldado, os Fidalgos, e Capitães todo ho tempo gastão em praticas sobre a Fazenda d'ElRey, e emmendas de matriculas, os Officiaes da Fazenda sobre ordenanças de batalhas, e batarias de Cidades, de sorte Senhor que de cada homem tomar officio alheio, e emproprio nasse hum tamanho barbarismo e forte confuzão em todas couzas e bem olhado quando se fás parece tudo que sahe acaço, e por acontecimento este nosso desconcerto até agora pode-se soffrer por quanto contendamos com mulheres, e bestas manças, porem ao prezente, que começamos ao haverem homens temo muito de nos acharmos enleados, e pouco praticos, polo que está posta a India he tão sutil, e perigozo, que mais que toda outra cousa que agora saiba requer maior consideração, e remedio, porque a terra está mais proveito que foito outra, a gente quazi alevantada, a guerra de todo esquecida, ho serviço d'ElRei universalmente contrariado, hos Fidalgos todo dia andão em ajuntamento, e uniões, a pessoa do Governador mais que todas desacatada, ora veja V. A. se sam todas estas cousas para arecear, ou não quanto mais que nos tomão com sessenta galés em Xoes, e em Adem, e todo ho Estreito os Turcos. (Continua.)

CHRONICA.

Je suis vivant, bien vivant, tres vivant!
BERANGER.

Victima dos ultimos acontecimentos... do entrudo

— nós abaixo assignado, dêmos parte de morto (pelo nosso proprio punho), levámos para a cabeceira o *Zacuto* e o *Esculapio*, mettemo-nos na cama, mandámos chamar a *Filha da Caridade* (1) para nos deitar umas bichas, compramos o amostardado *Pharol* para sinaspismos, e por pouco que não chegamos tambem a convidar a *União* para nos ajudar a bem morrer — tudo isto não litteral mas litterariamente falando.

Durante esta *perguçosa* enfermidade, tivemos porém a ventura (diríamos gloria, se não fosse uma cousa tão pesada para quem esteve a caldos . . . do Japão, vulgo chá), tivemos pois a ventura de nos acharmos com um secretario! É para que saibam. Estes barõesinhos da moda não teem senão caixeiros, a casa d'Alfenim, que é de antiga linhagem e solar (2) tem, sempre teve secretario de habito de Christo e de calça entre a bota.

Mas lucraram muito os nossos amaveis leitores (leitoras, receiamos escrever, porque nessas não ousamos nós tocar nem com os bicos da penna, basta que saibam que nunca nos saiem do pensamento. Disse), mas lucraram immenso com a nossa moideira de entrudo, porque o nosso officioso Secretario tem dedo para tudo. Se Alexandre Magno é mais conhecido pelo que delle escreveu Quinto Curcio do que pelas suas façanhas, o Barão de Alfenim (salvo a comparação entre nós e aquelle regio tratante) ficará immortalizado pela escripta de seu primoroso Secretario, ao qual fariamos aqui em elogio rasgado se não fôra vêr-mol-o já gozando de um *posteridade prévia* nas fabulas de La Fontaine.

Agora acabados os cumprimentos, ha-de perdoar o nosso douto Secretario que lhe digamos, que somos inteiramente contrario ás suas convicções, ao seu scepticismo, e até no que suppõe a respeito d'ELLA (vid. *Estandarte* ha tres semanas a fio). Vieira diz não nos lembra aonde: « O direito da vontade de Deus é o avesso da vontade dos homens » isto verifica-se exacta e infelizmente com o nosso amavel Secretario — e por isso poz-nos de pernas para o ar!

Já vê que não nos serve para o mister — ficará para nosso mestre em hortaliça, queremos dizer — de botânica alimenticia — ainda queriamos dizer melhor, mas não nos chega a lingua.

Um epistolographo celebre dá como preceito que — o bom secretario deve ser como o comediante, que não faz papel seu, mas representa o alheio escreven-

do. Protestamos contra tudo que na chronica pois passada se disse em meu nome.

Affirmou-se alli que nesta terra não ha bailes, nem bons boccados, nem carruagens, nem palacios, nem livros, nem quadros, nem bellezas, nem ELLA, nem espirito nos folhetinistas actuaes, nem noticias etc. etc. Está enganado de meio a meio, o nosso amigo! Ha de tudo isto, e muito.

Olhem o que faz não ter um titulo ou uma commenda! Nada destas cousas se desfrutam sem taes birbicaehos.

A nós então, pela nossa jerarchia, nada nos é desfeito nem desconhecido. Até temos entrada no paço . . . da Madeira á Boa-vista, bem entendido — não penssem que é mais adiante. Alli é que nos espera o nosso alviçareiro (o bom chronista deve ter como os donos de navios, pelo menos um alviçareiro bem untado — o peor é que as nossas cargas não nos dão para as commissões, e por isso estamos quasi a mudar de trafego . . .). Ao dito alviçareiro (é o nosso ELLE incognito) não escapa nada. As proprias redes e sal da « companhia das pescarias » que alli tem o seu escriptorio, nos servem para pescar e salgar as noticias — por isso é que ellas muitas vezes saem escaladas — não teem reparado?

Chamar o nosso Secretario estupidas ás brincadeiras d'entrudo, e ao jogo dos ovos! Então queria que atirassem com soberanos ou patacos? Ha cousa mais nacional que são os ovos! A Portugal sempre se lhe chamou « um ovo », naturalmente por ser muito cheio de *claras* e de *meninos da gema*. Ora se todos andam a jogar com Portugal em peso, porque não hayemos de nós jogar com os taes Portuguesinhos de gallinha? Já que os ovos não nos dão pintos (entende-se, cruzados novos) toca a jogar com elles para gerar namoros. Jupiter tambem jogou o entrudo com os ovos de Leda, e delles sahiram duas mocetonas guapas, quaes foram Hellena e Clytemnestra; e dois janotas bem bonitos, como são Castor e Pollux, que vemos todas as noites no firmamento, a fumar á porta do Marra-re do Zodiaco septentrional. Ora nós outros não somos menos que Jupiter, e por isso quem sabe o que sahio dos tantos milhares de ovos que se quebraram por este entrudo . . .

Achámos uma brincadeira bonita — talvez seja por gostarmos muito de ovos. E reparem que foram elles os que nos pozeram no estado enfermo que descrevemos ao começar desta.

Eis o caso.

No domingo gordo iamos muito descaneados para certa funcção, quando de repente sentimos estalar-nos um ovo mesmo no centro da cova do ladrão! e com tal força vinha puxado que nos fez deitar um terço da lingua fóra da bocca. E que fizemos? Tiramos o chapéu como quem agradece uma bendita esmola, e fomos andando nosso caminho. Nada nos amofina. Mais adiante vemos um mono pendurado d'um cordel, —

(1) Romance pharmaceutico em 8 volumes e meio.

(2) Vid. *Nobiliarchia Port.* pag. 15. — *Liv. Velho das Linhagens* n. 114. — *Thesouro da Nobreza* f. 25 v. — *Dicc. Aristocratico* pag. 100. — *Familias Ilust. de Port. e Cast.* vol. 120 (manuscripto raro). *Arvores de Costado de C. de Bem* (idem rarissimo). *Razes podres da Nobreza dos titulares modernos*, no prefacio (livro invisivel, appenso ás Cortes de Lamego). Vid. tambem *Torre do Tombo*, differentes armários, gacetas e escaninhos.

atravessámos a rua para a parte d'um muro, a fim de evitar alguma gebada, mas, uma gallinha que estava a carcarejar em cima do muro, talvez posta alli de proposito, o caso é que na occasião de passarmos, quem o esperava! a maldita larga-nos um ovo já encascado em cima da copa do chapéu! Sentimos muita risada — rimo-nos tambem e fomos continuando. Para coroar a festa, a poucos passos mais, arrumaram-nos com outro ovo mesmo em cheio no peitilho da camisa; abotoamo-nos, e com mais tremoço menos tremoço, chegamos a casa litteralmente alambusado por diante e por de traz. Quando nos fomos a despir, tinhamos o collarinho de tal forma pegado ao cachaço, que foi necessario uma especie de operação para o desgrudar! Seguiu-se a isto os taes tantos dias de cama.

Pois não acha isto divertido, meu Secretario, e os mais senhores? Nós achámos.

Tudo tem seus prós. Dias depois, passando pela tal travessa que tem o nome de uns officiaes de justiça, que já não existem, vimos a *Epoça* debruçada na janella do maleficio, nas mesmas mãos que nos tinham lançado os ovos. Mas esse num. não trazia chronica — surriada!

Diz mais o nosso collega que não houve baile de mascarar. Ora esta! Pois o que foi aquillo que houve no terça feira, em S. Carlos, e que o enterteve lá até á uma hora da noite? Foi uma cousa muito insipida e muito parva, sim senhor, mas por isso mesmo estava alli representado o paiz, e o *espírito nacional* sem confeição. . . Mas houve baile, e lá estava *ELLA* na frisa num. ***, mascarada com muita novidade, trajos todos tirados dos *Lusiadas* de Camões, por signal que

Na cabeça, por touca, tinha posta
Uma mui grande casca de lagosta.

Não a viram? Pois vimol-a nós. Graças a *ELLE*, o nosso alviçareiro.

Agora nos perguntará o apaixonado folhetinista do *Estandarte*, como é que nós descobrimos a sua mysteriosa *ELLA*. Vamos contar-lho, porque não é nenhum segredo. A gloria pertence ao nosso alviçareiro.

Andaram por ahí todos esses folhetinistas d'agoa doce ás apalpadellas sem atinarem com a sobredita. Um dia, não, foi uma noite, fechamo-nos com o nosso alviçareiro, e dissemos-lhe:

— Que te parece essa *ELLA* de que falla o folhetim do *Estandarte*, é cousa viva, existente, macho, fema, arára, mytho, ou que diabo será?

— A mim parece-me que é arára — respondeu-nos elle.

— Talvez seja — lhe tornamos nós, — como aquella decantada Ahalantida de que fallou Platão (o nosso alviçareiro é um litterato de mão cheia) pintando-a como um paraizo, e que tanto deu que escrever aos commendadores, mas que ninguem viu se não elle,

ou antes ninguem a viu, porque o mesmo Platão diz que se submergira.

— Essa grande esparrella em que caiu a antiguidade é bem lembrada. Mas . . .

— Será a fabula de Echo e Narcizo com o forro para fóra, que o tal amigo nos esteja impingindo?

— Nada, aqui anda cousa viva, lhe replicavamos nós.

— E que razões tens tu para fazer tal supposição?

— E' muito simples, dissemos nós, e até futil — mas não deixa de ser razão, porque assim costumam por cá ser as de estado. E' porque todos escrevem *ELLA* em versaletes.

— Ora abobora, nos disse elle enfadado.

— Eu cá — insistimos — digo que por força anda aqui alguma belleza de truz, destas de se lhe abaixar a cabeça, ficando sempre a agente a olhar ao signal. . . aliás escusava elle de fazer tanta insistencia, e de estar gastando tanto papel. Bastava que fizesse imprimir todos os dias no jornal, esta copla popular que é bem ingenua e terminante, pondo-lhe porém um ponto de admiração no primeiro verso, até ella lho mandar tirar assim:

Quem gosta de mim é *ELLA*?

Quem gosta d'*ELLA* sou eu.

Depois de muita pilhéria e erudição (ás vezes são synonymos), lhe dissemos positivamente:

— Ou não havemos de ser mais Barão d'Alfenim, ou esta trama ha-de ficar esta noite averiguada. Faço disto uma questão baronal, uma questão de archeologia aérea — tenho dito. Arranjo-te uma commenda d'alféoa (o nosso alviçareiro é um goloso chapado), a seu tempo sairás deputado pelo circulo eleitoral de Alfenim, e terás metade de uma caixa de charutos d'Havana, que me prometteram.

Palavras não eram ditas, o nosso amigo estava já no andar da rua. Meia hora depois, voltou dizendo-me muito contente que em tal rua e numero, morava uma velha que deitava cartas, e adivinhava tão ao certo como a antiga Pythia. Recommendeu-me que fosse disfarçado, que me fizesse palonço, que a tratasse sempre por tia Clara, que fizesse quanto ella me mandasse (isto aterrou-me), que lhe desse o que me pedisse, e que seria introduzido por uma vizinha assim e assim, ect.

A's dez horas dessa mesma noite, o Barão d'Alfenim, com uma fardeta de cabo d'esquadra de certo batalhão nacional, bonet d'oleado e capote de soldado, batia a uma porta daquelle bairro onde

« Ullyses foi hortelão

« Por gostar muito de couve

« E nenhum outro homem ouve

« Que o excedesse em plantação. »

á cata da tia Clara. Assim que se abriu a espelunca, aparralhámos-nos o melhor que soubemos (o que não

nos custou muito) e entramos. A discripção de semelhante inferninho não é para agora (e não se escrevem estas cousas!). Demos o nosso recado, pondo a historia ao alcance da percepção daquella medonha carolina, o que nos custou muito. Fizemos-lhe a pintura que d'ELLA vem no *Estandarte* — a saber, pequinita, magrinha, olhos pretos e grandes, pallida, epygrammatica, etc. Quando me perguntou a idade, é que não lhe soubemos responder, o folhetim não a traz, ou então esqueceu-nos, mas dissemos-lhe que já falava no tempo da princeza viuva, e que era da nobreza, o que tudo nos occorreu ter lido.

Depois de fazer um grande fumeiro d'alecrim, o demonio da velha entrou a bichanar que mettia medo, tirou d'algibeira uma grossa correia, a cuja vista deitamos logo os olhos para a porta da rua a ver se no-la tinham trancado, mas ficamos socegado vendo que ella dava em si, fazendo muitas invocações a S. Cypriano e a Santa Rita. Acabada esta burlesca preparação, pediu-nos que repetisse com ella por tres vezes os seguintes versos, que me ficaram de memoria:

Maria perdi, mesquinha
Logo em sermos apartadas,
Do meu mal fui adivinha:
Melhor sejam suas fadas
Do que foi a fada minha.

e de repente estirou-se no sobrado como um cação, applicando o ouvido á escuta lá do que ella ouvia. Passados cinco minutos, ergueu-se, vertendo copiosas lagrimas pelas gretinhas que ainda tinha a fingir olhos de gente (a velha orçava pelos seus oitenta annos), e disse-nos muito chorosa e tremelicando:

— A ELLA porque me procurais é... (engasgou-se) é... (benzeu-se) é... (beijou os dedos em cruz) é... (puxou a mantilha para o rosto) é... é... é a viuva do Homem das Botas!.....

E caiu de joelhos a resar.

Nós ficamos estacado e hirto, como uma sentinella gelada na Siberia.

Quando ella acabou as suas devoções, veio-nos dar a beijar o sebento registo de S. Cypriano, chegando-nos tambem aos narizes a sua caixa de simonte.

Logo que tomamos o folego, perguntamos-lhe se o que nos dissera era certo, ao que ella, mais choletrica do que a Francisca Baldovina do *Judeu Errante*, descompoz alta e poderosamente a nossa incredulidade. Perguntamos-lhe mais onde tinha ELLA estado por tanto tempo, e porque apparecia agora (e então nos periodicos, isto foi dito para os nossos botões), ao que a bruxa, desatando outra vez a chorar, nos retorquiu:

— Tem estado na « ilha encoberta » e é esta Senhora ELLA quem até agora tem mettido o comer na bocca a El-Rei D. Sebastião, que está já sem dentes, e muito velhinho. Mas este anno foi a dita Senhora ELLA fadada para ser a victima d'esse antigo sacrificio de mouros pèrros, chamado « serração da

velha », que é já na quarta feira proxima, 14 do corrente, dia da trasladação do Senhor S. Boaventura.

E voltou a chorar.

— Mas quem a denunciou — lhe perguntamos nós.

— Já sei — nos tornou ella — foram dois rapazes de Lisboa, que costumam deitar ao ar, de vez em quando, um papagaio chamado *Pharol*...

E continuou a chorar, dizendo: « Agora lá morre o meu querido rei D. Sebastião... Estes malditos constitucionaes tem dado cabo de tudo! »

Demos por concluida a consulta, atirando para o collo da pobre velha uma bolsa de meias cordas, nova em folha, que no-la tinha dado, n'aquelle mesmo dia, uma ELLASINHA engraçadissima — como não ha ali outra.

Eis aqui tem o *deputado*, folhetinista do *Estandarte* como nós desencantamos a sua mimosa e encantada ELLA. Valha a verdade, que nisto de bruxas não ha que fiar. O que lhe dizemos é que nos custou o nosso dinheiro e trabalho. Pedimos-lhe porém que não nos torne a metter n'outra. E mais lhe declaramos que a sua ELLA, se com effeito é a viuva do « Homem das Botas », não ha de ser serrada *ab intestato*.

Outro conselho d'amigo lhe damos, e é que sendo já esta quarta feira, a da « serração da velha », apresse o seu projecto do cavallo, para ver se consegue o inexpugnável agrado da sua deidade, porque ainda que o seu folhetim seja um dos mais notaveis, lepidamente escripto, e por vezes o melhor no genero, dos que actualmente ali vogam, não faz nada com a letra redonda: olhe que é uma especie de pagamento em notas do banco que ninguem quer receber. E para melhor se desenganar leia os seguintes conselhos de Nicoláu Tolentino, que sabia muito d'esta pilotagem:

Versos (*) são mui fracas armas
Para vencer corações,
E' clara a letra redonda,
Leia a vida de Camões:

Sua divina poesia
Teve mui curtos poderes,
Tractaram-no mal os homens,
E inda peor as mulheres:

.....
Mas se teima em fazer versos,
E conselhos não supporta
Então perdõe meu menino,
Va bater a outra porta.

Heim! Parece que foram feitos d'encommenda!
Por hoje basta d'ELLA.

Barão de Alfenim

(*) Os folhetins se não são versos soltos, são versos desgarrados...